



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**NATAN BARBOZA DE OLIVEIRA**

**O RURAL E O URBANO NA DISCUSSÃO GEOGRÁFICA DA OBRA LITERÁRIA  
A FELICIDADE CONJUGAL DE LIEV TOLSTÓI**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

NATAN BARBOZA DE OLIVEIRA

**O RURAL E O URBANO NA DISCUSSÃO GEOGRÁFICA DA OBRA LITERÁRIA  
A FELICIDADE CONJUGAL DE LIEV TOLSTÓI**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado a Coordenação do Curso Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito final à obtenção do título de licenciado em Geografia.

**Orientador (a):** Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa.

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48r Oliveira, Natan Barboza de.  
O rural e o urbano na discussão geográfica da obra literária  
A felicidade conjugal de Liev Tolstói [manuscrito] / Natan  
Barboza de Oliveira. - 2022.  
52 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

\*Orientação : Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa ,  
Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC.\*

1. Espaço urbano. 2. Espaço rural. 3. Literatura russa. 4.  
Interdisciplinaridade. I. Título

21. ed. CDD 801.95

NATAN BARBOZA DE OLIVEIRA

**O RURAL E O URBANO NA DISCUSSÃO GEOGRÁFICA DA OBRA LITERÁRIA  
A FELICIDADE CONJUGAL DE LIEV TOLSTÓI**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado a Coordenação do Curso Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito final à obtenção do título de licenciado em Geografia.

Área de concentração: Geografia Humana.

Aprovada em: 02 / 12 / 2022.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Me. Jonas Marques da Penha  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).



---

Prof.<sup>a</sup> Me. Natália Rocha Moraes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, que sempre estiveram a me incentivar, além de tudo há todos aqueles que vivem a sonhar por um futuro melhor em um mundo tão cheio de incertezas, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Não é uma tarefa fácil, começar às menções finais acerca deste trabalho que foi realizado durante este momento de conclusão do curso de licenciatura plena em geografia, porém digamos que este escrito em sua totalidade não só significa algo feita meramente visando o fechamento da formatura.

Porém, trata-se de uma breve história sobre a trajetória que foi trilhada, vivenciada, parada, retomada, significada e ressignificada no longo e ao mesmo tempo curto período quase cinco anos vivenciando um pouco das infinitas possibilidades que estes saber é capaz de promover para aquele que decide abraçar sua essencialidade e dela usar como um dos impulsos para subir ao monte e contemplar o vasto Mundo.

Nesse sentido, queria poder trazer todos que me são queridos para um encontro presencial ou até mesmo como se tornou comum em um espaço síncrono, mas nem tudo cabe a nossa vontade há coisas que não podemos moldar e projetar, mas não deixa de ser importante este momento, não só por uma realização individual, mas por toda carga de memórias e vivências que estão guardadas durante este seguir temporal.

Nessa sentido, agradecer por algo ou a alguém, tornou-se um feito raro nesta sociedade composta por sujeitos tão cansados de si mesmo palavras essas que extraio do filósofo *Byung Chul-Han*. Tudo praticamente se nivelou ou está dosado para ser desfrutado literalmente pelo eu em particular e não o eu em coletivo, sendo assim, como usar essa palavra que deriva do latim “*gratus*” e que se propõem a ser uma forma de acolhimento ou acolher a algo, sem se deixar cair na tentação tola do individualismo?

Acho que poderia começar tentar responder essa interrogação pelo o olhar sentido esse que a geografia me permitiu aguçar, falo no sentido de ampliar meu horizonte e não recair na velha piada “do professor/geógrafo que tudo atribui como relevo”. Me apego ao entendimento da dinâmica do real, cujo antes de conhecê-la estive por muito tempo em uma paisagem cômoda com poucas vibrações e efervescência, não foi fácil e ainda não é nem um pouco, pois o Mundo está em uma interrupta transformação.

No entanto, a sutileza aos poucos vêm sorrindo para mim e às vezes chorando também, mas isso não me deixa inquieto ou apático, mas cada vez mais empático com tudo o que me cerca principalmente quando me refiro ao outro que faz parte do

meu círculo vital, não importa seu jeito de ser, sua cor, sua cultura e suas visões de mundo. O que tenho em mente é que olhar para o outro como ele é me faz repensar meu lugar e o lugar das coisas em seu contínuo acontecer.

Desta forma, me abro com todos os meus erros, acertos, feitos, desfeitos entre tantas outros pontos positivos e negativos para agradecer a todos que me fizeram caminhar neste longo e ao mesmo tempo breve caminhar. Assim, agradeço a Deus por proporciona-me uma das riquezas que nunca saberemos ao certo o seu extremo valor que é a pulsão da vida, além de toda luz para continuar quando me pegava em madrugadas, pensando que estava próximo do fim do túnel.

Não poderia de deixar de mencionar a UEPB, essa instituição pública que permitiu conhecer outras visões e oportunidades essas que nem todos os jovens ou mesmo cidadãos desta vasto território conseguem de facto realizar, isto é, falo da oportunidade de chegar a um ensino superior que contribua para o prosseguimento da melhoria profissional, humana e cidadã através do ensino e aprendizagem.

Por outro lado, quero também agradecer aos meus pais, cujo foram essências, cruciais e fundamentais para me manter de pé e animar meu viver nas épocas de indecisões e crises existenciais, não sei resumir em palavras o meu amor por vocês dois – Dona Irani ou carinhosamente Lili e Seu Francisco afetivamente Lau – ambos são parte das artérias que bombeiam meu coração.

Não poderia, de deixar de falar de você meu caro irmão – Lucas – que mesmo sendo mais jovem, dispõem de uma maturidade enorme para entender o outro e ainda se põem em seu lugar ponderando os erros e acertos, sendo assim, quero que tenha em mente que sempre irei te ajudar, meu caro irmão.

Outro nome que não pode me faltar é o meu querido avô Manuel ou simplesmente “Seu Mané”, o homem dito analfabeto ao ver formal da sociedade, mas que dispõem de um certificado universal de leitura sobre o ser e viver neste mundo, quanto das tuas palavras e histórias me deixaram com curiosidade para saber às razões e motivos de tais situações que o senhor vivenciara nos tempos de antanho neste semiárido do Seridó Oriental.

Não poderia, deixar passar, minha amada vó – Dona Ivonildes – mulher guerreira que sofreu muito em sua juventude, mas foi capaz de mostrar que a integridade e humildade são capazes de ser perpetuar mesmo nas situações mais adversas da nossa existência, sou grato por ser seu neto e ouvir suas lembranças no final da tarde com o leve aroma do café.

Ademais, agradeço com toda ternura a Bianca, por dispor de uma empatia frente a minha pessoa em que mesmo no silêncio dos meus pensamentos, mostrava-se com minuciosa atenção, logo sua presença atuou como um diferencial, pois seria falacioso dizer que o processo de escrita é algo cheio de positivities, há situações de tensões, mas pelo fato de poder saber que havia um outro para me apoiar isso tudo mudou e me fortaleceu para seguir.

Além disso, agradeço a todos os demais que estiveram comigo nesta jornada, seja desde os tempos dos meus primeiros momentos de socialização em sociedade ou nas fases das primeiras palavras faladas, lidas, escritas refletidas e descobertas até o momento mais recente no espaço acadêmico, sou extremamente grato por cada companhia, pois vocês me fizeram vivenciar e chegar em lugares que pouco iria cogitar como havia dito antes na paisagem fechada que tinha sob o meu arredor.

Assim, desde: meus demais familiares, meus primeiros amigos/colegas, minha primeira professora e todos os outros que me foram essências e todos os demais que vinheram a surgir a cada novo momento deste meu viver, acrescento uma destaque para o curso de geografia que são tantas lembranças com pessoas de grande valia como nomes: Isaías Ferreira, Mariana Guedes, Echely Nicolý, Pedro Henrique, Gabriel Madureira, Jadiel Lucas, Wagner, Ramón, Vivian Estefany (com fraternidade), Vitória Guedes (com amplo carinho), Maria Milena, João Matheus (com admiração), Ana Gabriela (com uma forte irmandade), Danielson, Líbia, Bruno, Letícia e André entre tantas outras pessoas que integram o espaço acadêmico e meu círculo social que se mostraram essências.

Não poderia deixar de mencionar todos aqueles que estiveram comigo em meu contínuo movimento pendular do município de São Vicente do Seridó-Pb, rumo ao polo de Campina Grande, seja o querido motorista seu Seráfico que sempre se mostrou acolhedor, além dos colegas do ônibus todos com seus sonhos, desejos e almejos e também o ombro amigo para incentivar o próximo a continuar nos momentos de angústia.

Além dos amigos queridos, quero também mencionar os mestres do curso que me foram de importância "*Sui Generis*", seja o professor Antônio Albuquerque (meu orientador que com sua sabedoria em uma das suas aulas me fez despertar essa curiosidade pela temática abordada neste trabalho), Arthur Valverde, João Damasceno (mestre sábio, cujo pude ter ao honra de receber seus ensinamentos), Valéria Raquel, Hermes de Almeida, Rafael Xavier, Ledian Rodrigues, Agnaldo, Hélio,



Graça, Porto, Jossandra, Natália Rocha, Marta Burity, Jonas Penha, Alexandre, Faustino, Ozéias e também os professores de outros departamentos como o professor Otacílio de filosofia, Fabíola de PDA e tantos outros nomes que ampliaram minha vontade por conhecer às coisas para além da aparência, saibam que todos são de extrema importância.

Caso, tenha causado mágoas ou impressões negativas para alguém, peço perdão, embora não tenha lembrança de tal feito, porém não somos perfeitos e estamos longe de tal condição, mas podemos sempre repensar nossa posição neste plano existencial e olhar para o outro com humildade.

Desta forma, encerro meus agradecimentos, com muita felicidade e também com uma grande emoção, pois sei bem que não se trata do fim do meu percurso, mas não é fácil seguir para outros horizontes, mas a experiência é necessária para a transformação, sem isso não podemos nos conhecermos, logo iríamos continuar a sermos como diria *Albert Camus* “*estrangeiros*” em uma pátria que não é a nossa, mas neste caso em nossa própria pátria.

A vida se divide em três períodos:  
aquilo que foi, o que é e aquilo que  
será: O que fazemos é breve, o que  
faremos, dúbio, o que fizemos, certo.

*(SÊNECA, SOBRE A BREVIDADE DA  
VIDA)*

## RESUMO

Postular o trabalho interdisciplinar entre diferentes conhecimentos, nem sempre é uma tarefa de fácil feito, pois requer uma abertura de visão entre os diferentes saberes e conseqüentemente uma conciliação concerne ao objeto de estudo a ser trabalhado. Nesse sentido, o referente estudo tem por objetivo compreender a presença do espaço urbano e rural na obra “Felicidade Conjugal” do literato do século XIX Liev Tolstói mediante o subsídio da interdisciplinaridade entre a geografia e literatura. Através do conjunto de análises que transitam entre a descrição e a dialética, seja ao enfatizar os componentes da ruralidade no cenário narrativo e ao mesmo tempo fomentar as principais alterações socioespaciais decorrentes da transição para as formas, funções, estruturas e processos que configuram o lócus da urbanidade; com isso enfatizando as transfigurações no espaço narrativo no próprio contexto social dos personagens, pois a mudança não se faz apenas na coisa em si (formas), mas também atinge o sujeito (relações sociais). Para tanto, o trabalho conta com os seguintes procedimentos metodológicos, sendo a princípio fundamentado sob o viés da abordagem qualitativa, esta, somada com o direcionamento de uma pesquisa teórica-reflexiva, utilizando-se de procedimentos que estão, desde o levantamento de material bibliográfico acerca das dimensões do urbano e do rural, seguindo do estabelecimento de seleção de unidades de conteúdos (fichas) da obra literária, logo levando para a sistematização para alcançar os resultados almejados estes evidenciam a possibilidade de interseção entre os dois campos de conhecimento, mostrando a necessidade de afirmação da geografia enquanto um projeto de metadisciplina essas que permiti a ampliação das modificações socioespaciais por diversos prismas, mas que convergem para o caráter geográfico.

**Palavras-Chave:** Rural-urbano. Literatura russa. Interdisciplinaridade.

## ABSTRACT

Postulating interdisciplinary work between different types of knowledge is not always an easy task, as it requires an opening of vision between different types of knowledge and, consequently, a conciliation concerning the object of study to be worked on. In this sense, the related study aims to understand the presence of urban and rural space in the work "Conjugal Happiness" by the 19<sup>th</sup> century writer Live Tolstoy through the subsidy of interdisciplinarity between geography and literature. Through the set of analyzes that move between description and dialectic, either by emphasizing the components of rurality in the narrative scenario and at the same time promoting the main socio-spatial changes arising from the transition to the forms, functions, structures and processes that configure the locus of urbanity; with this emphasizing the transfigurations in the narrative space in the social context of the characters, because the change is not only made in the thing itself (forms), but also affects the subject (social relations). To this end, the work relies on the following methodological procedures, being at first based on the bias of the qualitative approach, this, added to the direction of a theoretical-reflexive research, using procedures that are, from the survey of bibliographic material about the dimensions of the urban and the rural, following the establishment of selection of content units (cards) of the literary work, soon leading to the systematization to reach the desired results, these evidence the possibility of intersection between the two fields of knowledge, showing the need for the affirmation of geography as a meta-discipline project that allowed the expansion of socio-spatial modifications from different perspectives, but which converge to the geographic character.

**Keywords:** Rural-urban. Russian literature. Interdisciplinarity.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>15</b>
<b>3 O RURAL E O URBANO NAS METARMOFOSES DA SOCIEDADE: DELIBERAÇÕES E SEUS SIGNIFICADOS SOCIOESPACIAIS.....</b>	<b>17</b>
<b>4 UMA LEITURA DAS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS DA RÚSSIA DO SÉCULO XIX NA OBRA LITERÁRIA “A FELICIDADE CONJUGAL” DE LIEV TOLSTÓI.....</b>	<b>23</b>
<b>4.1 Tolstói e o dualismo campo x cidade: Entre anseios, corrupções e renovações.....</b>	<b>24</b>
<b>4.2 O estado transitório entre o bucólico e urbano em “Felicidade Conjugal” .....</b>	<b>26</b>
<b>4.3 O ar da cidade e a ânsia para liberdade: Transições, desconfigurações, tensões e ressignificações socioespaciais.....</b>	<b>33</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A interseção de diferentes saberes para a análise das transformações políticas, econômicas e socioculturais da realidade contemporânea ou das modificações passadas da sociedade se mostra como uma tendência potencial. Havendo, uma chamado para uma ampliação do uso de mais prismas para a captação do movimento dialético espaço-tempo (SANTOS,2006).

Logo, a geografia não se encontra a parte desta condição, pois segundo M. Santos (2006), é necessário a defesa de uma metadisciplina que seja capaz de apreender as metamorfoses socioespaciais ao longo da história de mudanças, organizações, reproduções e formas de representações da sociedade; principalmente quando tratamos das esferas do urbano e o rural (objetivo deste trabalho) em que pode ser visto por diferentes espectros, mas que convertem a espacialidade.

Neste sentido, este estudo, busca compreender a presença do espaço urbano e rural na obra “Felicidade Conjugal” do literato do século XIX Liev Tolstói mediante o subsídio da interdisciplinaridade entre a geografia e literatura, que se releva como uma das grandes obras da literatura russa de tal período e conseqüentemente em reconhecimento de escala mundial. Contudo, em certas situações, sofrendo de um déficit na análise do conteúdo dos seus escritos de uma riqueza inefável para a compreensão de muitas nuances da contemporaneidade, que podem também contribuir para a ciência geográfica.

Caso evidente é da análise da transição rural para o urbano na sociedade da pós as modificações da primeira revolução industrial, foram capazes de trazer uma bagagem estupenda que transita em todas as mudanças econômicas, sociais, políticas, históricos e espaciais.

Levando-nos até mesmo pontuar que em muitas das suas obras, Liev Tolstói, (em específico na obra Felicidade Conjugal), foi capaz de atuar como geógrafo, pois os detalhes e minúcias das transformações da Rússia e as relações sociais nos meios mostra essa valorização e mesmo evidência da “geograficidade”.

Não havendo propriamente um quadro limite para a análise geográfica, pois já exclamara D. Cosgrove (1998), que a geografia está em toda parte, então, não seria diferente em suas obras literárias a presença da geografia principalmente no romance posto para análise e debate, no entanto, é preciso situar o autor no contexto espaço/temporal em que escreveu sua obra.

Há uma série de eventos dialéticos, basta analisarmos o contexto da vivência socioespacial – século XIX – que é relatada na elaboração do escrito, que a clareza se emerge, há a abertura para o esclarecimento da decadência acompanhada do "progresso" (refletindo o próprio pensamento geográfico, num período fortemente influenciado de uma restritiva visão positivista) ou as interpretações sem profundezas das situações e intenções nas dinâmicas socioespaciais, isto é, o autor busca transitar entre o complexo e o simplório.

Nesta condição, é de notável postura, trazermos um olhar mais apurado para a tal obra que resguarda em sua construção toda uma percepção relacionada as metamorfoses que abarcam a vida entre o urbano e o rural, isto é, da vida que se vive sobre uma dada realidade.

Na medida que observamos, a obra “A felicidade Conjugal” em sua estupenda exposição concerne as transformações sociais no meio principalmente com o avanço do fenômeno da urbanização, logo notaremos que L. Tolstói, utiliza-se de saberes da geografia, como uma forma de pontuar e criticar os contrastes que atuam na realidade com seus distintos lugares. Mesmo que tendo as dimensões do rural e o urbano como dissociáveis entre si, mas se atentando para algo pouco visto na geografia, que emergia em tal época e que marcava de fato uma mudança radical do Ser, frente ao que se produzia espacialmente.

Desse modo, o trabalho, estrutura-se em sua íntegra por duas seções (capítulos) em decorrência da natureza do trabalho. Por se tratar de uma monografia às abordagens se interligam entre si, promovendo os objetivos almejadas, pode haver durante o processo de leitura possíveis dúvidas em relação a tal escolha, porém o leitor, perceberá no seguir do trabalho e as respectivas discussões e sintetizações, detalham melhor a razão desta escolha.

Na primeira parte, houve a construção conceitual do rural e do urbano, trazendo reflexões fundamentais para a análise do debate socioespacial, pois os conceitos nascem por necessidades de se entender o real, isto é, discutir as maneiras em que as relações sociais se afirmam, se ligam, se dissociam e conseqüentemente se reafirmam; abordamos de modo geral os fundamentos socioespaciais do rural e o urbano e como estas realidades caminham por uma dialética espaço-tempo.

Na segunda parte, partimos para a discussão das questões das dimensões urbanas e rurais na obra “Felicidade Conjugal” de Liev Tolstói, destacando os principais traços desses elementos ao longo do desenvolvimento do enredo da obra.

Ou seja, se atentamos para os componentes típicos de tais espaços que integram todo o cenário da narrativa, seja estes materiais ou imateriais, logo buscamos em nos primeiros parágrafos uma análise de uma “psicogeografia”.

Assim, expomos, a concepção do autor acerca das dinâmicas de tais espaços entre ás materialidades que são postas em ambas as esferas e conseqüentemente as manifestações simbólicas, que expressam distinções bem delineadas entre as dimensões do rural e o urbano durante a fase de construção de toda desenvoltura da história.

Em síntese, observamos que no pensamento literário de Liev Tolstói, há toda uma reflexão a cerca do rural de do urbano, ainda que abordados como realidades independentes, cercados de simbolismos e moralismos do autor. Logo, afirmamos a atenção para o poder de geografização de Tolstói ao estabelecer uma dialética transitória entre os dois espaços, nos fazendo repensar, que embora a abordagem de tais conteúdos não componha uma geografia, enquanto saber científico, nos ajuda a experienciar, a apreender e a compreender, que outros saberes também nos trazem outros horizontes, sobre o conhecimento geográfico, como é o caso do espaço geográfico literário.



## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguinte pesquisa tem seu escopo fundado em uma obra literária - A felicidade conjugal –, utilizando-se do conjunto de ações de características típicas dos estudos/métodos qualitativos, isto é, não se ligando propriamente com perspectivas de um aprofundamento de meios quantitativos ou estatísticos como o cerne central para se encontrar o resultado ou confirmação almejada ao trilhar e estabelecer o alvo da pesquisa.

Em acréscimo, nas palavras de Maanen (1979), a pesquisa baseada no escopo qualitativo é permeada, fundada e elaborada sobre uma responsabilidade assaz e se dispõe a analisar, discutir, reavaliar e ampliar o entendimento dos fenômenos sociais em suas complexidades mutáveis. Há o esforço de reduzir o distanciamento de dados e teoria, buscando uma maior abertura de questionamentos em relação ao fenômeno.

Por outro lado, acrescenta Neves (1996) que ao adotar a pesquisa qualitativa o pesquisador se dispõe a delimitar seu recorte espacial espaço-temporal e a situar o fenômeno social em seu período histórico e conseqüentemente a sua espacialidade de manifestação e dinamização, ou seja, é necessário delimitar o território a ser percorrido, investigado e apurado nos processos das análises e deliberações durante a realização do arcabouço.

Neste condição, após o esclarecimento acerca da abordagem da pesquisa cabe elencarmos a tipologia da pesquisa, isto é, o a forma de pesquisa ser trabalhada mediante aos meios e ferramentas para seu desenvolvimento, logo o trabalho se deleita através de um encaminhamento teórico, cujo na concepção de Demo (1994), essa aplicação de tipologia dispõe de possibilidades que estão além de uma mera exposição de noções teóricas prontas, isto é, trata-se de uma nova revisão sobre os elementos de uma obra ou um conjunto de obras, assim buscando a aplicação de novas possibilidades de se repensar determinado nicho teórico em determinada aplicação sem se limitar a organização do sistema de ideias postas em discussão e análise.

Por continuidade, em relação aos procedimentos adotados para a realização da pesquisa, contamos como norte de iniciação a avaliação bibliográfica, que nas palavras de Gil (2002), é um passo ou ação que em qualquer realização de pesquisa se encontra presente, ou seja, uma avaliação bibliográfica tem conseqüentemente a essência de caráter exploratório, reflexivo e prospectivo.

Logo, o trabalho é em sua estrutura gera está permeado ou melhor norteado através de cinco procedimentos de ação voltados para a realização da elaboração, construção e consolidação dos fundamentos e resultados do trabalho:

A priori foi realizado o levantamento bibliográfico dos principais autores que trabalham a discussão das dimensões do rural e o urbano e suas mudanças histórico-geográfica na sociedade.

Em segundo momento, a sondagem das obras literárias com tal direcionamento temático, chegando ao universo literário de Liev Tolstói, cujo trabalha com maestria essa transição entre o rural e o urbano e suas repercussões nas relações sociais (sócio-espaciais);

Na terceira etapa, delimita-se o romance *"Felicidade Conjugal"* como objeto de análise, interpretação e discussão, devido sua estrutura de notável demarcação as duas dimensões do rural e do urbano e as contradições do contexto social.

Na quarta etapa, há o direcionamento para os procedimentos da leitura, interpretação, seleção de unidades de conteúdo (partes textuais da obra), logo correlacionando as mesmas com fundamentos teórico-conceituais que explicam as dinâmicas dos espaços rural-urbano.

No último procedimento, houve o processo de concatenação da pesquisa, isto é, a sistematização das etapas anteriores, tendo em vista, a topificação do trabalho, e o encaminhamento para as discussão e apresentação dos resultados do estudo

Por fim, através dos seguintes procedimentos, o trabalho tem sua sistematização essa que permiti o direcionamento para a estruturação da pesquisa juntamente com apreensão dos resultados almejados com o estabelecimento da pesquisa. Além de tudo, dando as bases para o fortalecimento das discussões realizadas por meio das evidências obtidas conforme as análises que foram empreendidas.

### **3 O RURAL E O URBANO NAS METARMOFOSES DA SOCIEDADE: DELIBERAÇÕES E SEUS SIGNIFICADOS SOCIOESPACIAIS**

No nosso cotidiano, costumamos usar diversos termos que em certa medida, chegam a se tornar banais e até mesmo, em muitas situações, óbvios e amplamente naturalizados, o que acarreta nas perdas da essência que cada termo carrega, ou seja, geralmente caindo na pouca compreensão e apreensão da verdadeira dimensão que cada conceito carrega.

Á visto disto, podemos trazer os termos rural e o urbano esses que trazem no jogo de informações cotidianas expressões com totalidades diversificadas seja pela usabilidade dos termos: moderno/antigo, bucólico/abucólico, cidade/campo, sofisticado/ultrapassado, refinado/bruto entre tantas outras colocações que são associadas quando se expõem essas duas dimensões (R. WILLIANS,1989). Porém, pouco é notado o quão os conceitos são coberto de possibilidades para o entendimento acerca de como a sociedade se firmou, constituiu e vem se reconstituindo ao passar dos milênios. ambos conceitos tratam da dimensão do espaço geográfico, que mediante o entendimento da construção é que podemos apreender tais distinções.

Nessa perspectiva, é inevitável para se discutir o espaço rural e o urbano e suas respectivas características, dinâmicas e contradições, que pontuemos o espaço geográfico como categoria basilar para o entendimento de tais dimensões, pois as duas realidades partem da mesma relação da sociedade com a natureza mediante o trabalho. É pelo trabalho que a sociedade produz o espaço com diferentes expressões das suas necessidades, ou seja, cada forma de organização espacial está extremamente ligada com essa base do produzir para existir.

Essa condição para Carlos (2020), é basicamente a base das garantias da sobrevivência e reprodução do homem. Esta capacidade de produzir está intrinsecamente associada aos meios de produção, ou, em outras palavras, aos domínios técnicos de suas ferramentas e as formas de se associarem aos modos de reproduzir sua existência. Reafirmamos novamente que concepções como urbanidade e ruralidade, não podem ser desvinculadas sem tocar na discussão do fazer espacial.

Desta forma, o percurso da construção da humanidade até a chegada do seu rótulo divinizado, aos tempos que conhecemos propriamente por "civilização social",

marcada continuamente por novas formas de acréscimos e decréscimos em um movimento pendular de contrastes diversos entre as dimensões do espaço e tempo, ou seja, as trilhas criadas para o que entendemos hoje por sociedade, é fruto de acumulações e de sucessões, nas quais, nem todos os agentes envolvidos têm os mesmos padrões rítmicos. Mas como esse processo se tornou de possível êxito? Algum fator foi primordial para esse bailar das materializações e funcionalizações? A natureza apenas ganhou movimento com o homem?

Tantas outras interrogações podem surgir ao tocarmos nesta temática, e mais ainda quando se busca entender as mudanças perpassadas pela sociedade, seja da dimensão rural, seja ao que conhecemos como uma realidade urbanizada (o ápice do percurso humano); recorreremos a M. Santos (2012), ao dizer que na fase mais pueril da humanidade a natureza era o epicentro da totalidade, o ser ainda embrionário, dependia daquilo que lhe estava disposto ao acaso, isto é, os recursos postos a própria sorte da humanidade, cujo o homem, enquanto animal, só tem seu salto para se adornar das vestes do sociais, quando este, toma o centro do enfoque, fazendo tal ação na medida que compreende a garantia da reprodução da vida sendo apenas de possível permanência com o ato de produzir o espaço geográfico.

Nessa fase, não se teve propriamente uma ruptura radical, pois os processos que substituem determinadas lógicas em um dado tempo são, em certo ponto, gradativas, pois melhorias não são pelo o mero acaso, com isso o homem quando o homem se desloca da margem da totalidade para centro da realidade, teremos um processo de suspensão gradual do natural para a imposição acelerada da condição artificial.

Desta forma, trata-se de algo gradual nesse início da tomada das decisões das transformações pela humanidade no meio, como acrescenta Santos (2013), no prelúdio de tal condição, mesmo a natureza mostrando-se atroz com a presença do homem, com seus ganhos de duplos potenciais, seja pelo início da razão como também das suas ferramentas, havia ainda uma certa conciliação amigável, porém com o doce e amargo suceder dos tempos cria-se uma hostilidade.

Neste feito de inversão, das posições na gerência das dinâmicas do fazer acontecer da sua vida, antes arraigada pelas contingências do poderio natural, faz do homem um ser de ego (racional) e também promove novas práticas projetivas para as formas de organização da existência erigida, sobre os sustentáculos da construção

do espaço geográfico através da ordens técnicas, garantindo toda proeminência para a bravata da dita "civilidade".

O ganho deste posicionamento de "ator social" das transformações do meio natural, o homem cria organizações distintas, carregadas por estruturas em ordens: sociais, culturais, políticas e econômicas através trabalho social com o meio promovendo a dialética espaço-temporal ou melhor socioespacial. Ao ver de Santos (2013), tais estruturas, carregam em seu núcleo construtivo uma forma de ser e agir, que se expressam sobre duplo suporte de realização, isto é, das formas técnicas e das organizações funcionais que vão se subtraindo e se somando em concomitância diante das sucesso temporais, criando o que o autor acrescenta como idade das variáveis espaciais.

Desta forma, tal reflexão é de basilar para o pensamento do processo de construção do o rural e o urbano, pois ambas as realidades estão introjetadas neste jogo dialético escalar do tempo/espaço, fomentando resultantes diferenciados que acompanham o desenvolvimento de demandas objetivas e necessárias ao longo das diferentes ordens seculares da construção da sociedade (SANTOS, 2013).

Os sentidos que integram tais realidades e os fatores que regem as construções de ambas, mudam ao transpor histórico, pois em uma instância temporal de sucessões das formas da arquitetura material a modo de existência, não tem de modo algum sua garantia em uma uniformidade linear. Segundo Santos (1988), o espaço geográfico é feito de heranças com ações e formas diferenciadas entre renovações, permanências, ordenações e atuações propulsoras relativas aos domínios técnicos do homem para suas atividades.

Por esse enfoque, o sistema de objetos são materializados nas formas, que regem, mas também reagem, à produção da vida e da sociedade se apresentam com particularidades na totalidade dos subespaços e lugares que são transpassados pelas mesmas maneiras como a existência da vida é produzida em cada momento histórico, caracterizado pela forma como se organiza os meios de produção e o modo de organização das forças produtivas. Este olhar sobre o passado em seus diferentes momentos históricos nos ajudam a entender as situações presentes na organização do espaço.

O espaço é um produto histórico ao exclamar que o espaço se faz em constância continua, marcada por diferentes tempos presentes que vão se modificando e reestruturando, permitindo o andamento de novas ordens formais e

funcionais (SANTOS, 1988); com isso, é de clareza atenuante que condições dúbias como das dimensões do urbano e do rural são imprescindíveis para chegar as reais concretudes históricas em meio aos seus reflexos socioespaciais.

Obviamente não se tratando de meramente projetar a sociedade como algo a parte, mas sim do resultante do constructo da totalidade espacial e suas sub totalizações em amplo fluir construtivo.

Os conceitos do urbano e do rural, nem sempre atenderam as mudanças que conhecemos nos tempos atuais, pois a cada novo ritmo das técnicas, em suas concepções produtivas e funcionais, ambas as esferas sofreram adulterações nas maneiras de garantir a reprodução existencial do homem: seja partindo da natureza harmônica a uma condição cada vez mais hostil erguida sobre uma mitologia do avanço (SANTOS, 2013).

Nesse sentido, não podemos tratar tais conceitos pela ótica “do instantâneo” pois há a tendência de encobrir todas as dinâmicas sociais que contribuíram para tal formulação, logo se torna inegável que a apreensão do plano de fundo de tais espaços uma vez desvinculados das suas transições de ordem histórica apenas permiti-nos abrir as portas sem saber o horizonte a se olhar, isto é, um anacronismo socioespacial.

Deste forma, como uma forma de ter uma acepção em melhor aproveitamento ao tratar tais conceitos do rural e do urbano, cabe salientar a evolução dos mesmos nos principais marcos históricos principalmente em relação a origem das cidades (processo esse que garante a base para o entendimento desses espaços e suas diferenciações como coadunações). Com a ascensão de tal materialização do espaço geográfico, abre-se uma série de novas concentrações, produções, difusões como também organizações hierárquicas no espaço essas carregando todo um aparato para o avanço prospectivo do avanço social e da sua divisão do trabalho.

Essa visão, se encontra detalhada e reforçada por reflexões como a de Carlos (2020), a cidade e o campo tem uma origem propriamente na história, não são frutos do acaso surgindo meramente da consciência racional do homem e na vontade da fenomenologia do seu espírito, contudo, é na verdade proveniente de toda uma dialética frutífera e danosa de divisões e hierarquizações socio-produtivas, pois acrescenta ainda Carlos (1997), que assim como o espaço a cidade vem a ser produto, condição e meio para a garantia das reproduções incessantes da sociedade. Em complemento acrescenta Sposito (2020), que a retomada na história para analisar

o surgimento fenômenos como a cidade é um meio de se desprender do paisagismo estático de um ver formal.

Para Souza (2020), nas ciências sociais as discussões conceituais se encontram na análise histórica, então ao tratar da cidade há esse direcionamento, cujo Santos (2013), propõe que ao estudar as transformações que abarcam o constructo da cidade é antes de tudo periodizar, isto é, analisar porções/frações do tempo histórico e suas respectivas dinâmicas que impulsionam, redimensionaram e estruturaram o desenvolvimento socioespacial de determinado meio.

Desta forma, Santos (2012), expõem que o ato de partir exclusivamente de uma análise principalmente no que toca o entendimento das materializações/reproduções sociais exclusivamente de um presente extremamente puro, sem somativas de ordens anteriores é claramente errôneo, pois estamos falando de um produto social e não de algo simplesmente dado a sociedade, sem nenhum vínculo de trabalho, ação, objetivação e funcionalização entrelaçados no meio geográfico. Vale ressaltar que o fato da atualização de um recuo na história através das dadas periodizações, não significa se prender ao dado recorte histórico, mas analisar os ritmos e eventos de outrora e como estes atuam nas transformações socioespaciais nas passagens das diversos períodos históricos até a virtualidade presente.

M. Santos (2013), adverte que é de fácil proeza se utilizar da ordem histórica em pontos isolados, porém dificilmente tal êxito vinga nas análises da construções do espaço geográfico em seu propulsar espaço-tempo. Diante disto, temos as bases fundamentais para se entender as reais proporções e dimensões que estão em ambos os conceitos que conseqüentemente estão vinculadas intrinsecamente a noção clímax da construção do espaço geográfico.

Dessa forma, partindo das reflexões realizadas nos parágrafos anteriores em que houve a abertura para um escoamento mais proveitoso da discussão da dimensão teórico-conceitual do rural-urbano, de modo a promover um entendimento com direcionamento para o movimento dialético do motor da história para a construção e conseqüentemente reformulação dos mesmos, ou seja, sem o olhar para os eventos passados e seu desenrolar nas linhas do presente, não há como explicitar e refletir acerca da construção teórico-conceitual dos fenômenos socioespaciais.

Desse modo, realizaremos nas páginas que estão provir, segue o esforço de traçar uma análise que atenda a discussão ou mesmo a reflexão analítica entre o campo da geografia e literatura mediante o uso das dimensões do rural e o urbano.

Ora, seguimos por uma discussão que pontua com clareza e também com rigor minucioso o quanto esse diálogo entre conhecimentos, podem ampliar as possibilidades do fazer geográfico e também do entendimento do rural-urbano.



#### **4 UMA LEITURA DO URBANO E DO RURAL NA SOCIEDADE RUSSA DO SÉCULO XIX NA OBRA LITERÁRIA “A FELICIDADE CONJUGAL” DE LIEV TOLSTÓI**

Antes de adentrarmos propriamente no enredo da Rússia do século XIX e suas respectivas expressões nas dimensões do urbano e do rural na obra – A Felicidade Conjugal – do escritor Liev Tolstói, convém situarmos brevemente a posição que o país se encontrava, pois vários eventos permeiam a Rússia na abertura secular demarcada para as análises propostas seja pelo processo conflituoso com a França de Napoleão Bonaparte (marco da perda de seu domínio), além do embate sangramento da Criméia em que a Rússia, mostrava-se como um dos agentes de primordial participação, sendo assim, estes conjuntos de embates, geraram as bases para as reconfigurações territoriais do país e conseqüentemente o do seu direcionamento na busca do “espírito moderno” com choques técnicos e estranhos a ordem natural que se processava neste território.

Diante dos processos elencados, discutidos e conseqüentemente apurados sobre a evolução dos fenômenos do urbano e do rural ao transcorrer da história, logo mostrando todo um direcionamento diferenciado acerca do sentido do uso da terra ou na verdade do próprio espaço como meio subsistência para um condição estreitamente vinculada ao domínio da posse, privação e lucratividade com o ascendente do “capital”. Como demarca Sposito (2020), que a cidade enquanto base da entrada do urbano vai se caracterizando ao longo da história sob desdobramentos socioespaciais que relevam a necessidade do lucrar, logo sob os avanços dos meios produtivos, temos o fortalecimento do enraizamento das estruturas vigente, buscando maiores integrações econômicas para alimentar a máquina econômica.

Nesse sentido, a Inglaterra como é sabido é a grande matriarca de tais transfigurações produtivas entre os séculos XVIII e XIX, pois praticamente houve uma espécie de complementaridade entre os dois intervalos seculares, devido o próprio caráter que os avanços produtivos foram se efetivando em decorrência das demandas mais acentuadas das organizações sócio-produtivas, para ampliar a circulação de capitais, seja os produtos ou os modelos produtivos. No entanto, segundo Carlos (1997), esse prolongamento das atividades da produção industrial, foram criando cadeias produtivas que rompiam com os limites nacionais e das próprias áreas

imediatas, culminando em um fortalecimento nas trocas inter-lugares, seja no próprio continente ou em outras porções continentais.

Nesse sentido, os países vizinhos a Inglaterra industrial da época, não saem ilesos desse avanço, principalmente aqueles com grande capacidade de promover novos mercados de consumo e ampliar os domínios do aceleramento da produtividade, embora não participando da mesma forma em relação aos polos de maior densidade técnica ou domínio produtivo. Logo, na Rússia imperial ou simplesmente monárquica, porta-se como um destes alvos de expansão das lógicas do modelo do capital industrial, embora favorecendo uma série de transformações na realidade socioespacial da nação, que atinge de forma extrema às formas do espaço e às relações sociais, de modo faz emergir uma série de reflexões através de movimentos filosóficos e literários sobre a Rússia e o seu novo coração de ferro.

Nesta condição, compreendida tal modificação estrutural, partiremos para a excursão na obra literária “Felicidade conjugal”, esta sendo avaliada, refletida e interpretada, buscando mostrar particularidade do “olhar geográfico” do esperançoso Liev Tolstói difere dos demais nomes da literatura Russa, isto é, com estilos de narrativas com certas distinções na construção de seus personagens e enredos, mas ambos partem do enfoque na sociedade da Rússia do século XIX em específico na cidade de São Petersburgo, um dos berços das mudanças no seguir da vida ao longo das novas ordens e suas metamorfoses brutais na produção industrial. Assim, convergindo para uma atenuação dos elementos das esferas do urbano e do rural e as dinâmicas de cada espaço e os seus reflexos nas organizações socioespaciais com suas contradições e diferenciações de sentidos no tratamento da vida.

#### **4.1 Tolstói e o dualismo campo x cidade: Entre anseios, corrupções e renovações**

Não poderíamos, começar os percursos discursivos e avaliativos, sem se deleitar nos acervos literários dos escritos da figura sublime de Liev Tolstói (1828-1910) autor esse que marca com grande peso os percursos da evolução literário do romantismo da Rússia do século XIX, devido a sua postura em relação aos rumos que seu país tomava em decorrência dos avanços incessantes e avulsos das reconfigurações espaciais diante das demandas econômicas do capitalismo que se cravava de forma desastrosa e altamente degradante nas direções do fazer social, além da própria relação das maneiras de subsistir da população russa que

praticamente era abarcada por um círculo de relações estreitamente ligadas ao sistema campesino feudal que praticamente muda seus trilhos e se destina em uma abismo sem nenhuma base de garantia, apenas o ensejo para a “civilidade urbana”.

Nesta condição, Tolstói se cobria pelos anseios diante da substituição da cálidez pulsante para a frieza metálica das relações, se apoiava também pelo seu ânimo em transpor lições de possibilidades de pensar a vida em diversos ângulos diante dos avanços das organizações espaciais e seus reflexos na forma de seguir os trilhos da existência, seja pela corrupção do “eu” em contato com as novas disposições das estruturas econômicas e sociais, ou as aspirações para a retomada da vida campesina simples e humildade, antes das invasões das forças abstratas da razão da sociedade moderna.

Essas questões dão abertura para se pensar panoramas de análises diversas, de temáticas que estão além da pura restrição da literatura por si própria; caso por exemplo da interligação da discussão relacionada ao processo de formação do espaço urbano e os seus reflexos desastrosos com urbanidade de extrema corrupção sobre as maneiras de seguir a vida.

Atenuação essa que na medida que temos o contato com algumas das obras de Tolstói, se torna claro essa discussão entre as mudanças das organizações sociais na Rússia do século XIX concerne as transformações no espaço urbano e os reflexos na população rural, assim o autor ao vivenciar essa nova substancialidade inserida no antigo organismo de um campesinato servil, logo ascende o compromisso de promove certas críticas preenchidas de inquietações, perturbações até mesmo apelações que se tornaram demarcações bem atenuadas em seus escritos, isto é, praticamente virando uma das marcas do autor, trazer esse posicionamento dubial acerca da realidade social do seu país, mesmo que em um tom com uma profundidade moralista diante dos fenômenos, mas resguardando um olhar de apurância ávida frente as mudanças socioespaciais.

Posto isto, teremos essa representação dubial e discursiva desse duplo paralelo de realidades em obras como “Felicidade Conjugal” célebre romance que posteriormente se tornara uma novela, ou seja, escrito esse de Tolstói, que traz enfoque para a necessidade de discutir a concepção dos elementos que caracterizam a distinção entre o campo e a cidade se atentando para: as dinâmicas do cotidiano, os comportamentos pessoais em tais espaços, as sujeições e corruptelas variadas e a ambientação dos locais, assim trazendo resultados distintos na vida dos seus

personagens durante as narrativas, ou seja, mostrando uma posição clássica da noção do urbano e do rural com universos descontínuos.

Segundo Locatelli (2013), a perspectiva do olhar acerca do urbano e rural em um plano dicotômico tem por fundamento o ideário clássico da compreensão da produção espacial focado no entendimento através da separação de duas esferas em dissociação, isto é, sem nenhum vínculo de ligação ou influência, configurando suas dinâmicas como sendo próprias em si mesmo, ou seja, não considerando uma intercalação entre as duas realidades espaciais apenas se aplica uma noção preestabelecida de uma divisibilidade entre as duas dimensões, pois ambas são vistas como uma totalidade que não dispõem de determinações, tendo por primazia sua função *suigeneris*.

Acrescenta o mesmo autor, que a assertiva dual da bifurcação entre as duas realidades tinha delimitações consolidadas e propagadas socialmente, ou seja, pensar os dois espaços apenas se fazia jus através de uma dissolução entre possíveis interações, assim a análise das organizações espaciais se tornavam limitantes, pois em muitas das situações apenas o aspecto macro tinha sua consideração em meio as avaliações e definições dos locais, assim a compreensão das relações internas e tanto as influências entre os distintos polos eram desconsideradas e tampouco almejadas para uma discussão; onde tal relação é bem pertinente em Tolstói, embora o autor, trabalhe a dissociação macro escalar, mas prioriza a descrição das organizações internas de cada meio.

#### **4.2 O estado transitório entre o bucólico e urbano em “Felicidade Conjugal”**

O desenvolvimento da obra de Tolstói, o romance/novela “A Felicidade Conjugal” sua íntegra dividida em duas partes essas que de forma fabulosa delimitam a visão do autor em sua essência de visão dupla para as esferas da vida do urbano e do rural, tendo segundo Wellen (2018) situações de transição entre o real e o imaginário místico em muitas cenas de suas obras. À luz dessa perspectiva, o lado da subjetividade das personagens em muitas situações tem esse apelo o místico/religioso como uma espécie de abertura para se pensar as ações cometidas nos diferentes espaços, logo, o autor se utiliza das mudanças naturais das transições das estações anuais no campo, mostrando o cotidiano e também trás para discussão

a migração, como um recurso “insano”, pois os vícios tem seu maior afloramento na vida artificial.

O espaço narrativo da obra marca seu início por uma conotação trágica, isto é, a mãe das pequenas Maria (irmã mais velha) e Sônia (caçula), vinha á falecer na pequena vila de russa de Pokrovskoye, assim as duas irmãs se encontravam em uma situação pleno luto, pois já não havia também a presença de seu pai, apenas os criados em especial Kátia, uma das servas, responsáveis por acompanhar o crescimento das jovens.

O cenário segue em plena morbidez com amplas demarcações emotivas e algumas aspirações por um porvir detalhado nas falas Maria ao exclamar que a família planejava partir para a cidade em busca de novas realizações para as suas vidas ao “introduzir-se na sociedade”, ou seja, o autor já delimita uma dupla visão dos espaços que os personagens vão se desenvolver ao percurso do enredo.

Após essa casualidade temos uma construção tépida no ambiente da aldeia com o rigoroso inverno típico da Rússia diante da sua frieza árdua, criando uma visão sem vitalidade, apenas o pleno gélido sombrio perpassando ao longo dos toques das relações na casa, ou seja, as personagens se encontram sem avidez em especial a jovem Maria que durante grande parte do inverno enfatiza o deserto de neve da estação, logo o cotidiano abarcava a frieza do período, fazendo da sua percepção no espaço circundante como uma espécie de meio possibilidade do acender de uma chama, isto é, o lugar de vivência se torna um círculo de remorsos e sem vida em todos os horizontes da paisagem da vila.

Ocorrendo uma reviravolta na percepção do espaço pela personagem, com inserção da presença no enredo do tutor (responsável pelo levantamento e organização das finanças) este homem era Sierguiéi Mikháílitch antigo conhecido da família.

Diante da presença esperada, a casa ganha novos ânimos, pois seu jeito doce de ser desperta o novo ânimo nas jovens, pela sua postura, não de uma condição de alarmante pesar, mas sim toda uma gentileza com a situação, não se entregando ao tom mórbido, mas buscando reacender o pulsar do lugar, e logo temos o encontro da jovem com o antigo amigo que de imediato ocorre uma espécie de retomada das suas memórias com Sierguiéi, durante sua tenra idade e o quanto era proveitoso vivenciar os dias com sua presença.

No entanto, o momento se interrompe e o encaminhamento para o encontro prossegue, Sierguiéi se surpreende e exclama com surpresa a bela moça que a jovem, havia se tornado, assim conversas são partilhadas, sentidas e expandidas aos poucos a paisagem fria ganha novo tom, e o olhar aos poucos se construía.

Por acréscimo, o tutor afirma sua partida; com isso as jovens perguntam quanto será possível revê-lo, e o mesmo afirma que na primavera, ou seja, naquele março já uma nova ambientação do frígido momento do início do enredo se renova, logo é notória a posição do autor ao trazer a primavera como uma fase de mudança na vida dos personagens. Assim, mediante o avanço o brotar do vergel na paisagem e posteriormente com às combinações de tonalidades de cores dando o ar longo e doces suspiros do florescer, fazendo às aspirações ácidas e sombrias se desfazerem, abrindo mudanças perceptivas e comportamentais da personagem Maria que vislumbra á paisagem primaveril, proporciona-lhe os seguintes sensações admirativas:

No entanto, chegou a primavera. A minha angústia primeira passou [...] Estávamos sentadas no terraço, preparando-nos para tomar chá. O jardim já estava todo verde [...] As moitas densas dos lilases apareciam como que polvilhadas de branco e roxo. Eram as flores que se preparavam para desabrochar. A folhagem na alameda de bétulas era de todo transparente ao pôr do sol. Havia uma sombra fresca no terraço. O denso orvalho noturno caíria ainda sobre a erva. (TOLSTÓI, 2010, p. 18, *grifo nosso*)

O enredo vai se modelando sob esta ótica e com outras percepções da paisagem que fazem ampliar novas sensações, isto é, o florescer estava intimamente ligado ao olhar perceptivo das mudanças dos personagens, assim como havia se encerrado período do inverno, com às menções de Sierguéi sobre sua possível volta na estação primaveril, o mesmo cumpre suas palavras, aparecendo no mês de maio no acume do florescer e dos odores do imenso paraíso que o vergel transformara a pequena aldeia, logo ao chegar na residência se depara com Maria com trajés comuns típicos do cotidiano do campo.

De acordo, com E. Hobsbawm (2014), na Rússia havia termos usais que refletiam na organização da sociedade, logo no enredo há o uso de *Grigóri (nome para os criados do campo)*, o mesmo acaba por sorrir e diz "uma moçoila do campo", ou seja, indiretamente as demarcações das divisões de classe na pequena aldeia são postas, embora não seja a intenção do autor discutir ás relações do campo.

Em meio a tal situação, Sierguéi afirma que os bens das jovens estão assegurados, além de uma capacidade longa de proveito para o futuro, assim poderiam viajar para São Petersburgo e investir nos estudos de Sônia (a irmã mais nova), assim fica em evidência novamente essa separação a realidade do campo e da cidade principalmente através da conquista da civilidade com a partida para o meio urbano, pois apenas assim teriam êxito no processo de construção do espírito cidadão.

A própria criada Kátia, chega a afirmar que seria necessário a presença do tutor, caso elas fossem para cidade, senão estariam perdidas em uma imensa floresta desconhecida; logo se assemelhando ao que Carlos (1994) pontua ao tratar o espaço urbano-industrial por suas formas de aglomeração mais avolumadas da sociedade urbana).

Após as falas de ambas as personagens acabam por encaminhar para a realização da cerimônia do chá, hábito comum que se tornava corriqueiro no cotidiano da vila aos poucos o sol ia se pondo até anoitecer, a personagem em um piscar se fascinava ao observar o espaço circundante e nota um cenário sutil de enorme fascínio, levando-a descrever o meio pelas seguintes expressões:

[...] O anoitecer era tão agradável [...] De todos os lados, as flores desprenderam odor mais forte, um rocío abundante molhou a erva, um rouxinol cantou em moita de lilases nas proximidades, mas falou-se apenas ouviu as nossas vozes; o céu estrelado parecia ter descido sobre nós. (TOLSTÓI, 2010, p. 19).

Em contrapartida, todos passavam a contemplar o lugar em paralelo com os demais elementos da paisagem, seja a sensação de repouso que pairava sobre as personagens ou até mesmo a filia pelo lugar, quando Sierguéi expressa que não ligaria em ficar sempre nesta pequena aldeia, no entanto, as jovens não se deixam levar totalmente por tal ideia, mas acabam por se extasiar com o desabrochar nos campos das flores e das alamedas em um suave contraste no lugar.

A dimensão perceptiva em seus movimentos passa a refletir nos ânimos dos personagens que ao longo do estágio primaveril, aproveitam todas as belezas cênicas e emotivas principalmente pela presença de Sierguéi no lugar, que causara na observação da jovem Maria uma ampliação em sua atenção para as atividades cotidianas, cujo o óbvio trivial em seu cotidiano se mostrava em uma nova abertura.

Perspectiva essa que Santos (2020), destaca como o processo de extrapolação da aparência das coisas que circundam a existência, devido as trocas contínuas com o meio vivido que em determinado momento, geram uma irrupção e conseqüentemente um novo descobrimento.

Contudo, tal descobrimento do espaço, pode conter novos enganos, pois na medida que a jovem passa a projetar apenas o sentido sobre o lugar através de Sierguéi, cria-se um elo de dependência e ao mesmo tempo o local apenas ganha vida pelo fato do outrem ali está, ou seja, a oscilação entre claridade e realidade aos poucos vai se destoar na medida em que novas aspirações que surgem nos desejos desejo das personagens, assim o meio em sua totalidade fragmentária e articulada no seguir dos ritmos e das influências simbólicos e subjetivas vai ganhando novas faces, isto é, nem sempre convergindo para a essência em si, da localidade e dos elementos que lhe compõem, sendo assim, na medida que percorrermos as várias transições essa propositura mencionada vai se relevando mais atraente, pois amplia em primazia a concepção socioespacial do período dos eventos.

Por acréscimo, o ato do descobrimento, toma maior sustentação com numerosos detalhamentos ao longo da abertura do fim do momento primaveril para o chamejar do verão, durante o enredo cada partícula do ambiente, mostra-se com uma ampla sintonia, isto é, as atividades da realidade socioespacial da aldeia são expressas com inúmeros detalhes, que atingem com avidez os ânimos dos personagens.

Diante da energia do veranil, despertam todo um fervor em seus íntimos, assim expressando um ambiente coberto das energias e ações comuns desta estação, ou seja, a transição estacionárias marcam muito da essência do lugar mediante a conotação dos símbolos e significados que cada situação promove durante o transcorrer da estória dos personagens, surgindo um detalhamento mais acentuado das dinâmicas que permeiam o campo com suas relações sociais.

Nessa passagem, entramos em uma transição que conseqüentemente amplia às mudanças, essas promovidas pelo o calor, ou poderíamos afirmar a paixão no espaço está em plena evidência, ou seja, aos poucos o autor vai trabalhando essas transições e seus respectivos sentimentos com o lugar e sua percepção espacial. Avante disto, temos as primeiras alterações, elencadas pela jovem Maria ao contemplar o seu lugar de vivência em meio a entrada do verão, sentindo novos arroubos pelo o observar da paisagem, assim partindo para o jardim na casa cercadas



pelas vastas ravinas, árvores de maior porte como tílias e cerejeiras, logo toda uma admiração do visível é destacada com suas movimentações:

[...] Sobre a estrada que se visa trechos além do jardim, incessantemente, ora se arrastavam devagar altas rangentes carroças, carregadas de feixes, pra telegas vazias vinham ao seu encontro, depressa, fazendo barulho, pernas tremiam e camisas apareciam desfraldadas aos vento. [...] Na frente, sobre o campo empoeirado, moviam-se também as telegas, e viam-se os mesmos feixes amarelos, e vinham igualmente de longe sons de telegas, vozes e canções. De uma banda, o campo ceifado aparecia cada vez mais aberto, com faixas de losna crescidas nos intervalos (TOLSTÓI, 2010, p. 28-29, *grifo nosso*).

Neste decurso, seguindo influência da fase gestacional dos primeiros meses do verão, temos a somativa de mais um encontro com o casal, no entanto, Sierguéi, aparece mudado, pois diante do ambiente de grandes energias, o mesmo desperta um “entusiasmo selvagem” nas palavras da jovem Maria, pois de uma formalidade cavalheiresca, transfere-se para o espírito infantil tendo um novo tônus a rebrotar que segue suas ações sob a alimentação da vontade pueril, logo as cenas seguem com brincadeiras incessantes, risos, falas e sentimentos.

O autor marca com agudez esta condição no lugar como porta de mudança na história, isto é, a paisagem com seus símbolos e cores, marcando entre os personagens o fervor do calor em eminência contínua na temporalidade presente como também no local, assim de um tom mais harmônico primaveril, segue-se, para um ardor construtivo este que atinge não só as dimensões perceptivas, mas às próprias interações das relações sociais.

O chamejar do período de verão, encontra-se espreado em todo o ambiente da pequena vila, mostrando um ambiente mais ávido e dinâmicas essas que podem ser visualizadas, desde o observar dos vastos campos, preenchidos pelo labor dos camponeses, logo mostrando as relações de produção essas que se mesclavam na paisagem com os elementos do pleno o estado veranil. Por outro lado, em meio a este ambiente e sua representação e dinâmica há nova inspiração no relacionamento do casal, pois sentimento da paixão é transbordado em meio ao ambiente vespertino preenchidos pelos odores, cores, sons e movimentos veranis na paisagem.

Deste modo, o lugar se mostra como o conjunto de objetos que releva o sentido do morar, apreciar, contemplar e movimentar (TUAN, 1987), logo este ganha um novo fragor que conseqüentemente inspira e se reproduz através das atividades veranistas

que dão um propulsar no espaço, isto é, do campo floril. Desloca-se para o preenchimento das relações sociais campônios que ao integrar com os elementos da paisagem criam novas expressões que atingem toda a esfera perceptiva dos personagens, assim, o ambiente vai seguindo com nuances, relevando dinâmicas que alteram o acontecer do espaço

Por conseguinte, no lugar se forma uma densa atmosfera que passa a favorecer às distintas formas de visibilidades do *páthos* eminente no local, logo a jovem sob tons de murmúrios acrescenta em plena ternura o seu observar, no qual, dá-se a abertura para o desenrolar das ligações afetivas entre o casal, embora com certa relutância:

Nessa ocasião, eu simplesmente não queria perdê-lo de vista nem um instante. Pondo-me nas pontas dos pés corri sobre as urtigas e rodeei o depósito pelo lado oposto, onde ele era mais baixo, e, trepando sobre uma tina vazia, de modo que a parede ficou abaixo do peito, inclinei-me para dentro do depósito. Meus olhos percorreram o interior, com as suas velhas árvores tortas e com largas folhas dentadas, por trás das quais prendiam, pesados e retos, os frutos [...] vi Sierguiéi Mikháilitch por baixo do galho tortuoso [...] Aquele palavra e aquele sorriso eram tão inusitados nele que eu me envergonhei de o estar espiando. Tive a impressão de que a palavra era: Macha. “Não pode ser” – pensei. “Marcha querida!” – repetiu mais baixo e com mais carinho ainda (TOLSTÓI, 2010, p. 32, *grifo nosso*).

No entanto, o tempo se passa e nada é concretizado, a paisagem e o lugar são alterados sob a essência de um toque tênue e ao mesmo passo, cria-se uma visão de incerteza, sendo assim, temos o transitar do verão para o outono, cuja relevância do movimentar das essências veranis, passam a ser substituídas pelo ar mais ameno do Outono, o campo não perde suas efusões de antes devido o período da colheita, é a vila sofria alterações em suas atividades diárias, que afeta o próprio desenvolver do enredo. Ou seja, a paisagem não se releva mais como uma explosão de entusiasmo, pois um outro pulsar é posto, mostrando-se com outras funcionalidades, assim relevando a transitoriedade das dinâmicas possíveis das mutações da paisagem, seja pelos contornos naturais ou às ações artificiais (SANTOS, 1988).

Nessa perspectiva, o enredo aos poucos vai preparando a fermentação para um novo processo transitório no espaço, e logo dando abertura para um outro revelar no acontecer do história, além do deslumbrar de um possível novo cenário da paisagem dando ênfase para uma mudança funcional que dá tônica na dinâmica do enredo, ou seja, processo estético da paisagem se mostra em plena avidez.

### **4.3 O ar da cidade e a ânsia para liberdade: Transições, desconfigurações, tensões e ressignificações socioespaciais**

Após as trânsitos das sucessões estacionais vivenciadas no transcurso da primeira parte da ambientação do lugar no enredo, chegamos no momento da realização do seu casamento com Sierguiéi Mikháilitch, logo a história toma rumo este para o vilarejo Nikolskoy de posse da família do marido em que ao longo das relações partilhadas várias mudanças vão dá nas “dinâmicas sociais”

O enredo segue na pequena vila, em pleno final de outono há todo um fervor entre os personagens, ou seja, os sentimentos partilhados de antes se mantinham com a mesma intensidade que se mostrava nos acontecimentos anteriores, a jovem Maria descrevia as suas emoções e as aventuras com seu marido, pois estavam na casa da sua sogra com condições morais mais rígidas, assim a jovem relata a ocupação do marido com os trabalhos do campo, isto é, organizando o espaço para as próximas estações.

Além do mais, destaca todas cerimônias do cotidiano em paralelo com os seus medos pelos possíveis julgamentos ou desapontamentos por parte da família de Sierguiéi, no entanto, os momentos de maiores ânimos se encontravam com os riscos de encontros e beijos na casa velha de estrutura campesina, mas com uma enorme ônus de criados para tarefas variadas que permeavam o dia-a-dia do lugar, alguns hábitos da criadagem eram de oportunidade única para a abertura desses momentos como o caso de “Dmítri Sídorov” que na ausência da presença dos senhores subia ao escritório de Sierguiéi para pegar sobras de fumo, e se encaminhava as aberturas para tais momentos.

Nesse processo, nas entrelinhas fica evidente as relações da precarização por parte da classe campesina da aldeia, ou seja, com os bens e benefícios regrados e limitados para os criados, assim temos no decorrer do enredo da ambientação do lugar essa delimitação, que atenua a desigualdade típica do sistema servil da Rússia do século XIX. Por continuidade, as relações seguem tais passos entre os afetos e lazeres e com todas as práticas do cotidiano e socialização, marcando uma ampliação frequente das mesmas atividades cotidianas no campo, isto é, da simplicidade rústica dos afazeres até às situações pontuais dos membros de posse da aldeia. Contudo, o mesmo ritmo com suas iguais transformações, realizações e sintonias, cria perturbações na jovem Maria, isto é, a aspiração por movimento lhe afeta.

Nesse íntimo particular, a percepção do lugar passa a se desmontar e o cenário aos poucos vai se resumindo a tensões contínuas entre os personagens decorrente da rotina sem novas aberturas e muito menos modificações tudo se reproduzia com um vento sutil, gerando em Maria um desejo por deslocamento circulares esses capazes de aquecer seus olhos para o fascínio do visível.

Assim, há o prolongamento de uma vivência se perdendo no ambiente “pequeno e tranquilo” da aldeia, ou seja, o afã da juventude se reprimia gradativamente, o campo aprofundava sua angústia que ansiava por novas formas de novas experiências.

Nesse impasse, o espaço do enredo ganha outros acréscimos, pois a posição de Sierguíei que de forma arguta capta o desejo da sua jovem esposa, logo lhe propõem que ambos se mudassem para a cidade, o local da civilização ou em outros termos dos costumes sociais únicos que tamanho espaço dispõem, no entanto, há uma relutância de início pelo fato de Maria temer a perda da tranquilidade do lugar que vivia, isto é, por mais que a aflição pelo deslocamento aspirais, fosse-lhe atribuídas continuamente em decorrência da mesma rotina ao mesmo tempo havia o anseio por mudar de realidade, e perder o seu ponto de pousio, assim a ideia serve como um futuro próximo, pois o ambiente, torna-se um círculo de indiferenças entre a quietação e inquietação entre o vaivém ocorre o rompimento para um único lado, isto é, o da cidade.

Nesse cume, chega-se, no momento da fase da transição do modo de vida do casal, isto é, do campo temos o deslocamento para a cidade, trazendo consigo uma nova dimensão do cotidiano aquém ao comum da existência campesina, pois uma nova mácula é implantada, isto é, os batimentos rítmicos e as percepções mais tranquilas do espaço rural vão ganhando novos acréscimos que acabam condicionando de forma até mesmo súbita a descaracterização do lugar para o conjuntos de valores, ideias e símbolos que ampliam o sentido tão almejado pela jovem Maria de uma perpétua movimentação de rostos, olhares, objetos da própria alma pessoal.

Nessa condição, temos a típica condição do deslocamento migratório em busca de novas oportunidades, no entanto, não por condições propriamente ligadas a subsistência, mas pela necessidade de novas formas de consumo que desloquem a vida que estava se “esvaindo” diante da repetição rústica. A passagem da esfera orgânica para a funcional do urbano e da cidade em sua totalidade tem como aspecto

inevitável a ocorrência de mudanças seja pela substituição da cultura, território e tanto da ordem vital é afirmada de forma célere quando temos a convergência do tradicional com a dinâmica do moderno (SANTOS, 2013). Por esse ótica, logo ocorre a mudança rápida do pensamento quando temos a cena do encontro dos olhos de Maria com o espectro dos elementos das urbanidades, chegando a exclamar:

[...] Mal chegamos em São Petersburgo, porém, estes planos ficaram esquecidos. Encontrei-me de repente num mundo tão novo e feliz, fui envolvida por tantas alegrias, interesses tão novos surgiram diante de mim, que renunciei num átimo, ainda que inconscientemente, a todo o meu passado e a todos os projetos desse passado. 'Aquilo foi tudo á toa, umas brincadeiras; ainda não começara; mas eis a vida de verdade!' E o que mais vai acontecer?" (TOLSTÓI, 2010, p. 78, *grifo nosso*)

Por conseguinte, seguindo com este novo encanto do “mundo verdadeiras liberdades” incessantes e com movimentos incontroláveis, o enredo ganha formas de costuras que burlam a situação comum da ideia vivenciada na pequena vila acanhada pelo padrão do campesinato (CARLOS, 2020). No entanto, situações diferenciadas emergem, e o que seria a razão de suprir o tédio pela realidade socioespacial do campo causa uma ampliação de intrigas em decorrência das demandas alienantes do impulso pelo estilo de vida urbano.

Nesse decurso, sob as dinâmicas da cidade aos poucos a forma de percepção socioespacial campesina incorporar novas essencialidades, logo a antiga cultura orgânica se modelava para uma maneira perceptiva que não resiste as pressões dos deslumbrantes objetos avolumados com as complexas formas paisagísticas artificiais que pairavam no olhar da jovem Maria e ao mesmo tempo desnorteando sua capacidade apreensiva.

Contudo, Sierguiéi já prévia as possíveis distorções com a idade para cidade, pois este espaço poderia causar a desvalorização de tudo que fora vivido no campo, no entanto, o chamado para o meio das atratividades e densidades artificiais, ganha uma força assaz que impele o enredo para o universo urbano. Embora, o cuidado do rapaz, segue firme, pois o receio de perder a natureza orgânica dos valores é claramente afirmada quando o mesmo exclama:

[...] Está vendo como nos instalaremos? – disse ele, antes de deixarmos a aldeia – Aqui, somos pequenos Cresos, e lá seremos nada ricos, e por isso, devemos morar na cidade somente até a Semana Santa e não frequentar a sociedade, senão vamos encalacrar-nos; e também para ti eu não gostaria... (TOLSTÓI, 2010, p. 77)

Por esse viés, temos nos primeiros momentos de mudanças no cenário de conteúdo inovador, segundo Baudrillard (2015), em sua análise acerca da semiologia dos objetos sociais uma condição que o gestual tradicional vai se perdendo em prol da personificação da realidade das ações que estão dispostas no espaço circundante, isto é, da vida plena e concreta, caísse-se no ambiente de sensações estranhas que expressam uma coerência incerta, mas mágica.

Por outro lado, em termos socioespaciais, Santos (1988), expõem que o ser enquanto participante social sofre alterações em sua existência mediante as transformações das condições materiais da existência, isto é, diante das condições de reprodução da sociedade o indivíduo é claramente afetado de maneira direta ou indireta.

Por essa condição, como mencionado em falas anteriores, o contato com maiores volumes de objetos e fluxos na cidade faz com que Maria se projete para um lado aquém da condição de contato mais físico, direto e vívido do ambiente do campo para encontrar um espaço imediatamente reproduzido pelas dinâmicas do consumo, produção e socialização mais avolumadas das relações sociais e produtivas. O primeiro contato de maior intensidade na cidade vem de um simples convite dos familiares de Sierguiéi para os bailes de cidade de São Petersburgo, despertando na jovem uma curiosidade, pois ir aos bailes significava, conhecer os padrões de alta escalão das pessoas “integrantes da sociedade”.

A conformidade é realizada entre o casal, logo ambos se direcionam para o espaço simbólico e a percepção da jovem ganha mais deslumbramentos, pois tudo se mostrava como realmente ela pensara para complementar a mesma, percebia que os “grupos dignos da sociedade” estavam a lhe olhar e soltar elogios, ou seja, uma noite de surpresas se encaminhava e a antiga vida campesina, agora entre um espaço de visibilidades e exposições que parecem nem se quer respirar, ou seja, o ar noturno do baile cravava na personagem feminina o ar da individualismo, isto é, o sentimento afirmativo egocêntrico se fazia nascer pelo desejo de consumir mais aquela realidade que pouco era conhecida aos olhos habituados ao concreto do ambiente menos técnico e luminoso.

Por essa condição, segundo Tuan (1988), o ato da experiência no espaço ou até mesmo em dado lugar implica riscos esses que são em muitos momentos cobertos por perigos, pois o estranho e o desconhecido são atrativos, e logo podem impelir o

indivíduo para o processo de experienciar os dados ou elementos que estão em sua volta, criando significações variadas. Nesta deixa, o primeiro encontro com os feixes das luzes da agitação da “sociedade”, cria para a jovem um novo ambiente ou na verdade uma topofilia, fazendo-a se jogar em uma frequência desmedida ao estilo da vida da modernidade.

Na busca por perquirir tal interrogação, nota-se, que o contato com às condições do espaço urbano em suas frenéticas movimentações socioespaciais, cria um afloramento totalmente oposto ao que era vivenciado na antiga realidade da aldeia, pois com o deslocamento de um postura coletiva para um nicho propriamente de individualismo egocêntrico em que a personagem demonstra com nitidez estar inserida no ofuscante espaço de luzes, com sensações de reconhecimento vívido, muda às suas reflexões em relação as coisas que estão em sua volta, nas quais, tudo parece convergir em prol de uma noção de libertação, embora no decorrer das falas da jovem Maria uma noção contrária a liberdade é exposta:

[...] Estava tão ofuscada com este amor que eu, parecia-me, subitamente despertara em todos os estranhos com este ar de elegância, de prazer e de novidade, que eu respirava ali pela primeira vez, a tal ponto desaparecera de súbito a influência moral dele [...] eu não conseguia compreender o que ele podia ver de desagradável para mim na vida em sociedade (TOLSTÓI, 2010, p. 80, *grifo nosso*)

A altivez é fortalecida na jovem e o que seria um simples momento de descoberta dos encantos dos festanças promovidas pela por uma condição avessa ao processo de aspiração por maior espaciosidade nas atividades cotidianas. Segundo Baudrillard (2015), a exposição do tradicional aos círculos funcionais da tecnicidade, fazem dos homens crentes uma espécie de mito do funcionalismo, este que se mantém pela a noção de uma realidade constituída e organizada por funções, essas com respostas rápidas as necessidades pessoais, ou seja, o jogo de estímulos, luzes e produções dão respostas as faces cotidianas.

Por essa relação, o contato com a urbanidade e seus elementos, trazem para o casal um processo de maior perturbação e com amplas controvérsias, pois a repetição do gozo contínuo da representação no ambiente social, torna-se frequente e meio que a cidade e seus lugares dinâmicos assumem a árdua responsabilidade de servirem como porto para a falta de movimento que pairava outrora nos dilemas das vivências campesina do casal. Entretanto, o quadro da existência dos personagens é marcado pela subordinação aos processos repetitivos das imagens urbanas com seus

tantos signos e símbolos, logo o que era visto como um relacionamento conjugal, transformava-se em organização pessoalmente individual e também egocêntrica:

[...] A vida em sociedade, pensava eu, só podia torna-se nociva se eu me sentisse atraída por algum dos homens que eu encontrava ali e assim despertasse o ciúme do marido [...] Mas, não obstante isso, a atenção de muitos homens que encontrava dava-me prazer, lisonjeava o meu amor-próprio, obrigava a pensar que havia certo mérito em meu amor pelo meu marido, e tornava a minha maneira de tratá-lo mais autoconfiante e como que mais descuidada (TOLSTÓI, 2010 p. 81, *grifo nosso*)

Doravante, o cotidiano do casal, passa a ser de forma agressiva perpassado pelo jogo funcional do lugar urbano, favorecendo os estranhamentos que são evidenciados ao passar das noites “movimentadas” da jovem Maria, ou seja, Sierguiéi não escondia suas frustrações pelo o que havia se transformado uma simples passagem de dias no espaço da cidade, mas com suas tantas agitações incessantemente ávidas e meio que sufocantes, chegando a desvincular os laços afetivos do casal principalmente quando temos o momento do ápice e saturação daquele vida que vinha sendo reproduzida. Assim, os primeiros confrontos do casal na sociedade ocorria, chegando Sierguiéi a exclamar de modo feroz o submundo que é a essência da urbanidade em sua forma mais fria:

[...] Quanto a mim, podia esperar o pior, vendo-te diariamente nessa lama e ociosidade, em meio ao luxo da sociedade estúpida; é acabei por compreender... Compreendi o seguinte: hoje, senti vergonha e dor como nunca; dor por mim , quando a tua amiga penetrou-me no coração com as suas mãos sujas e pôs-se a falar de ciúme, do meu ciúme, e por quem? [...] Tenho vergonha por ti, pela tua humilhação!... Uma sacrificada! – repetiu ele (TOLSTÓI, 2010, p. 85- 86, *grifo nosso*)

Mormente, Sierguiéi, não demonstra apreço pelo lugar e muito menos ao deslumbrar da sua companheira frente as imagens sórdidas de uma falsa aparência, porém entende que depois dos desdobramentos ocorridos nos espaços da “nobre socialidade”, seria basicamente jogar fora todo o amor colhido nos áreas campesinas das aldeias. Nessa condição, temos diante das transformações e perturbações ocorridos entre os agentes, o avanço do distanciamento recorrente de Sierguiéi ao seguir dos dias, meses e anos, ausentando-se do seu lar domiciliar e passando a justificar tal ação através das suas ações cotidianas das labutas nas áreas campesinas.

Nesta condição, às relações socioespaciais e as respectivas cisões (repartição) entre as formas de pensar do casal estes antes, movidos em sua essência por meio



do extremado de emoções pulsantes, nas quais, não mais servindo ao encontro dos corações propriamente como era comum repassar o vigor total de outrora, isto é, apenas as expressões mais básicas se mantiveram, e em relação aos ritmos das mudanças dos hábitos mais “rudes” para as normas das etiquetas urbanas, logo, a ideia da típica de uma “mulher da sociedade” é fortalecida juntamente com suas próprias emoções, essas que passam ser reminiscências momentâneas.

Por esse condição, segue-se o desnível entre os dois espaços que levam solapar os antigos laços e a utilização de uma comunicação mais mórbida e técnica se funda nas bases da sociabilidade moderna da cidade, em cujo breve momento de lazer, a jovem exclama:

Eu tinha então vinte e um anos, as nossas finanças, pensava, eram florescentes, e da vida familiar eu não exigia nada além daquilo que ela me dava; todos os nossos conhecidos pareciam gostar de mim; tinha boa saúde, os meus vestidos eram os melhores na estação de águas, eu sabia que era bonita, o tempo estava lindo, cercava-me uma atmosfera de elegância e beleza e eu me sentia muito alegre. Não era a mesma alegria que em Nikólskoie [...] feliz por ter merecido essa felicidade [...] Então, era outra coisa; mas, mesmo nesse verão, eu me sentia bem (TOLSTÓI, p. 93-94).

Posto isto, às transformações seguem galopantes entre as duas faces distintas do casal, pois o que seria uma passageira temporada nas ruas radiantes de São Petersburgo, parece seguir para algo de um maior prolongamento permanente. O relógio cotidiano da vida na cidade, tende a correr, logo às relações afetivas ou emotivas vão se esvaziando, entrando em pleno desuso vários e os eventos que percorrem o novo lugar de morada do casal e praticamente para um paraíso para jovem, cujo em certos momentos há a breve passagem do ilusório em sua volta, mas mesmo assim é capaz de desfaçar a fenda aguda em sua “felicidade conjugal” que antes era imanente no viver do casal.

O contato mais íntimo com a urbanidade das cidades e o distanciamento entre as antigas ações do meio bucólico, criando o processo de espaço de pertencimento. Reforçando então, o que é posto por Tuan (1987) ao delimitar o lugar como um objeto apresentado ao ser humano, que ao decorrer da convivência e da experiência, abre sentido para o sentimento de moradia, logo não precisando de um rápido demorar, pois a intimidade adquirida gera uma ativa aceitação da realidade em vista.

A partir deste desenrolar, há uma rápida substituição na percepção do olhar que perde a capacidade de apreensão dos fatos em sua volta, logo as objetificações, ganham maior ônus, fazendo do cotidiano a ser regida por condições aparentes que

praticamente segue sob contínuas repetições no lugar. Ou seja, contínuas imagens são postas nas dimensões perceptivas, logo vícios e desventuras são recorrentes, não se tratando mais da personalização dos primeiros contatos com a vida na cidade.

Nas palavras de Santos (1988), a construção da percepção do entorno é fruto de processamento seletivo de determinadas apreensões, criando uma variação entre os diferentes observadores que estejam inseridos em um mesmo espaço, isto é, a realidade concreta não se evidencia igualmente para todos, em muitos momentos permanecendo no plano da aparência.

Neste ensejo, notamos essa condição no ambiente, pois há apenas apreensão seletiva e pontual de elementos, que não permitem uma real captação da essência das transformações circundantes. Por lógica, o enredo ganha traços desalinhados, isto é, o casal ao decorrer das várias situações de afastamento das visões de realidade que cada um compactua, na divergência entre o viver a realidade no urbano e no rural, cria uma dualidade, vista como intransponível por ambos, além do reforço de óticas divergentes, mas que convergem para um “*modus vivendi*” com objetivos desconexos.

Edifica-se um plano com duas realidades concretas, mas com atividades distintas, com isso, o avulso jogo de ilusões no espaço urbano é posto, sendo alimentadas pela própria lógica de reprodução produtiva. Nesse ensejo, o prolongamento do contato com o local, permite uma fixação de maneira pontual e a amplificação dos desejos imbricados nos valores urbanos, além de dá amplitude ao sentido do desfrutar dos desejos de modo imediato e sem um filtro nação, como é na situação do andamento do desejar a outrem como meio de fortalecer o seu íntimo por demanda por movimento:

[...] Não queria nada, não esperava nada, não temia nada, minha vida, parecia-me, estava repleta, e minha consciência parecia tranquila. Entre a mocidade dessa estação não havia nenhum homem que eu distinguisse dos demais de algum modo, ou mesmo do velho príncipe K., nosso embaixador, e que me fazia a corte. O jovem e o velho, o inglês muito louro e o francês de barbicha, todos eram iguais para mim, mas todos indispensáveis [...] que formavam a alegre atmosfera de vida ao redor de mim. Apenas um deles, o marquês italiano D., chamou minha atenção mais que os restantes, graças à ousadia com que expressou entusiasmo por mim (TOLSTÓI, 2010, p. 94, *grifo nosso*)

Com o prosseguir deste jogo social por das atividades superficiais, rasas e supérfluas, temos reflexos diferenciados entre os personagens, com aberturas para

alterações no cotidiano do enredo. Da transferência das relações mais emotivas, seguimos para uma lógica estreitamente centrada na atividade instrumental que proporciona desconfigurações da individualidade em sua totalidade, como Santos (2013), costuma apontar em suas reflexões sobre a transferência do sujeito do campo para a cidade.

Nesse sentido, a individualidade se perde em face às relações falsas, alterando o *modus vivendi* do casal em meio as dinâmicas do espaço urbano, cujo sufoca o sentido do estar junto do casal. Além do mais, há também o reforça lógica das relações de troca e da rápida substituição comum na ótica da vida urbano-industrial. Aspecto esse, evidenciado quando a personagem feminina ao se defrontar com a presença da nova moradora da “sociedade” urbana, percebe á rápida substituição dos focos para novidade, assim exclama a jovem:

[...] chegara Lady A., havia muito esperada e famosa pela sua beleza. Formou-se junto a mim um círculo, fui recebida com satisfação, mas com o círculo formado junto á leoa recém-chegada era ainda melhor. [...] Quase ninguém ficou para me fazer companhia, e tudo se alterou definitivamente aos meus olhos. Tudo e todos me pareceram estúpidos e enfadonhos, quis chorar, terminar o quanto antes a cura de águas e regressar á Rússia (TOLSTÓI, 2010, p. 95, *grifo nosso*).

Nessa condição, logo é bem pontuado o desconforto da jovem frente a sua substituição diante dos vastos olhares da civilidade urbana, que antes mal pusera entrar nos ditos bailes de luzes ofuscantes e passos acelerados, sem haver o enfoque em sua estimada pessoa, realçando o intenso enlevo, criando aquilo que lhe parecia ser o aceleração para além do tédio profundamente arraigado com na vivência bucólica.

Levando ao reforço sobre o processo de renovação que compõem a relações no espaço urbano em que Santos (2013), detalhava ao pontuar que as coisas emergem como mercadorias, logo não se passa diferentemente para o homem que durante sua inserção na sociedade produtiva é configurado á atender esses padrões de alterações mais frequentes nas dinâmicas das relações sociais que dão sentido ao processo produtivo em sua abrangência.

No entanto, em conversa com uma de suas amigas mais íntimas, nota a presença de dois homens de pompa que lhe admiravam (Um deles o Duque italiano), logo em tom de ânimo sem perceber a presença das mesmas no espaços, fortalecem o sentido atribuído do “viver na urbanidade” atribuído acima, isto é, de um jogo de relações em círculos incertos estes que podem afetar a mobilidade e reconhecimento

do “eu” no espaço da cidade, assim ambos tratavam de diferenciar a jovem Maria e a recém chegada Lady S:

[...] Eu já tinha um filho e Lady S. estava com dezenove anos; eu tinha trança mais bela, mas, em compensação, Lady possuía um vulto mais gracioso; Lady era uma grande dama, enquanto esta “sua – disse ele – é mais ou menos uma dessas princesinhas russas que deram para aparecer aqui com tanta frequência”. Concluiu dizendo que eu fazia muito bem não tentando lutar com Lady S., que em Baden-Baden, eu estava morta e enterrada (TOLSTÓI, 2010, p.96).

Neste entretempo, o lugar é tomado por um outro sentido, pois os "dois cavalheiros", percebem ambas as jovens, fazendo com que as mesmas saíssem rapidamente, no entanto, Maria se depara com um dos moços – Duque italiano – que a toma pelo braço e saem a caminhar nas ruas observando as paisagens e os movimentos que a animam. Entre rápidos olhares, ocorre o roubo do beijo neste momento a jovem fica confusa e ao mesmo tempo é aberto em seus pensamentos a reflexão sobre o seu papel no espaço da "civildade urbana" e os sentidos por ela criados, que foram criados durante sua vivência e como as imagens, ilusões de um modo de vida individualizado.

O choque diante do cotidiano é notório os alicerces das antigas impressões estavam sucumbidas e os escombros (HELLER,1977), tornando-se um ônus incalculável sobre os pensamentos da jovem e ao mesmo tempo vinha uma espécie de javu, projetando todo o seu viver, desde o período que se mudara para a cidade e o quanto sua essência foi se alterando.

Em afetou seu viver com várias metamorfoses essa trazendo contradições que eram antes má entendidas e em muitas situações despercebidas e apreendidas em meio a sua imersão súbita no espaço de funções de raptos contínuo. Neste íntimo, o espaço urbano do movimento das ditas libertações do aborrecimento, virava um meio sem sentido, assim a jovem em meio ao movimento dos trilhos, exclama:

[...] Quando me sentei [...] no vagão vazio, quando o trem partiu e recebi ar fresco pela janela, comecei a voltar ao normal e a representar melhor, para mim mesma, meu passado e meu futuro. Toda a minha vida de casada, desde o dia de nossa mudança para Petersburgo, apareceu-me de repente sob uma luz nova e depositou-se sobre a minha consciência como uma censura. Pela primeira vez, lembrei vividamente os nossos primeiros tempos na aldeia, os nossos projetos [...] (TOLSTÓI, 2010, p. 99-100, *grifo nosso*)

Neste momento, após o ocorrido, ela segue para o local que estava residindo o seu marido, embarcando no trem, assim, somando-se com o movimento da

paisagem, abria um novo espaço para subjetividade, cujo o pensamento da jovem ganha um imenso pesar refletindo sobre o breve trilhar e as lacunas no seu seio familiar, logo abrindo para o sentimento de retorno ao tempo que havia perdido no meio rural. Conforme Santos (2013), a fuga das armadilhas criadas por nós mesmos em nosso entorno, permitem a ruptura frente ao falso real dando eclosão e amadurecimento para o pensar criticamente as situações do cotidiano do espaço urbano.

Ao chegar no lugar que antes foi o cenário de maior parte da sua vida, faz-se acompanhado impressões diferenciadas, pois tudo lhe parecia estranho ou com uma ideia de algo a faltar para de tornar mais familiar, porém ao notar o florir da primavera sob o canto dos rouxinol's, criando uma extensão do seu próprio "eu" em meio a "paisagem natural". Tudo aos poucos ia se processando como fotografias essas que mostravam as antigas memórias de sua vida no campo, logo reafirmando que diferente da cidade o espaço da vila se mostra como um local que é possível notar a vida dos elementos e pessoas, não se resume ao simples observar e tampouco explicado por paisagens artificiais.

A dimensão da paisagem do lugar, mostrava-se com marcas históricas essas que expressam muito das atividades que antes animavam a espacialidade com suas distintas movimentações e relações (SANTOS, 1988). Assim, uma gama de relances são postos na medida que passa percorrer todos os lugares que antes lhe pareciam como pontos de efervescência para suas energias, logo as antigas cores vai se mostrando mais vívidas e tudo parecia se harmonizar, logo a jovem avistava o antigo piano e tocava a música que permeiam todas as fases das estações após a morte da sua mãe isto é, "*Quasi uma Fantasia*", logo tudo fluía como antes e o espaço campônio era reavivado.

Neste ínterim, Sierguiéi escuta a melodia da canção, e se aproxima da jovem e entre pequenas falas entre os dois um pesar no lugar é sentido, logo temos o prolongar da abertura para o esclarecimento dos erros cometidos ao se pensar a vida nos diferentes lugares, isto é, entre o campo e as luzes da sociedade urbana. No entanto, sob esses questionamentos temos o andamento para toda uma exposição sobre as concepções de ambos os espaços pelos personagens esses que se interrogam através de formas de abordagens diferenciadas, que culmina em uma explosão de remorsos sufocantes por parte da personagem acerca da transição do rural para fugir do seu tédio.

[...] por que nunca me disseste o que querias, para que eu vivesse exatamente de acordo com a tua vontade, por que deixaste de me ensinar? Se quisesses, se me orientasses de outro modo, não teria acontecido nada, nada [...] Não teria acontecido que, se qualquer culpa minha, me tivesses retirado de repente tudo o que me era caro [...] Serei eu culpada porque não conhecia a vida, e tu me deixastes sozinha em minha busca?... (TOLSTÓI, 2010. p. 109-110)

Nesta situação, o posicionamento diferenciado entre os personagens, que reforça a magnitude do cotidiano como algo capaz de ir para além das representações comuns que apenas trazem rápida assimilação em nosso perceber, isto é, das imagens que são devoradas sem pouco ser apreendidas ou pausadas para uma apuração de aprofundamento da essência do lugar. Segundo Lefebvre (1972), a compreensão das dinâmicas da reprodução da vida devem ser entendidas como uma revolução, isto é, de uma ruptura entre a ideia do seguir normal "naturalizado" para a deliberação das reproduções sociais em suas contradições diárias na cidade.

Em paralelo a tal situação de transformação no modo de perceber o entorno e a própria esfera das relações cotidianas nos dois espaços em específico cenário urbano, temos um posicionamento peculiar de Sierguiei este que em tons calmos, mostra que já percebera desde os momentos da transição do casal para a cidade o quanto aquele lugar estava além do que ambos viviam na esfera do campo, sendo assim, mostrando que a experiência no lugar é uma das bases para a resignação para pensar as movimentações e suas dinâmicas.

Ou seja, mudar para novos cenários com funções e diferentes expressões, levam a mudanças para um modo de ser estranho ao que antes era comum, tornando-se apenas compreensível diante de uma fase de ruptura ou desvencilhamento acompanhado com um extremo choque violento no viver diário (no caso da personagem feminina).

Por este enfoque, reafirma-se, às reflexões de Lefebvre (1991) estas que olham a cotidianidade como uma dimensão construída por sobreposições de um conjunto de estruturas políticas, econômicas e sociais, isto é, não sendo algo parcial, mas vinculado com demandas e sentidos peculiares esses que fazem expandir formas de atuação diferenciadas na realidade de inserção. Em muitas circunstâncias um canal de atuação desconexas e sem apreensões claras ou realmente entendidas e a cotidianidade, releva a lógica de funcionamento da realidade do espaço urbano,

expondo as mais diversas abstrações que surgem em uma transição rápida e pouco esperada.

Logo, o efeito denotador dos remorsos e também dos anseios expostos pela jovem Maria ao adentrar e captar as dimensões do espaço da cidade com suas turbulências, encontros, situações e agitações. Colocando o enredo para uma reaproximação das laços entre o casal, mostrando com um novo olhar para o entorno (lugar) da sua vivência.

Ora, não há como reconstituir o que pertence ao antes nas primeiras situações das dinâmicas socioespaciais de modo ab-rupto (novamente nesta parte a emersão da ruptura do aparente com a cotidianidade de Lefebvre). As palavras de Sierguiéi neste tom austero, expõem que não há mais para buscar os momentos que já se foram, pois o presente é o espaço para a reflexão sobre as lembranças do que já fora, e onde podemos projetar as paisagens do nosso agir.

Diante de tal pronunciamento, tudo parece se acalmar, e uma áurea imperturbável preenche o lugar campônio, a jovem Maria, entende de fato que não resta mais nada que possa fazer em ralação ao passado, pois o tempo passou o lugar não é mesmo e se relações neles também não dispõem da mesma impressão de antes, sendo atuante como o meio para as referências para entender as condições do agora e as possibilidades do futuro.

Revelando, o que Santos (1988), esclarece ao afirmar que a história da construção da realidade socioespacial está para além de ser um resultado acabado e com fácil retorno ao passado ou de adiamento para o futuro, trata-se de um processo este em permanente devir se refazendo entre adições, substituições e reaproveitamentos, isto é, o seguir da dinâmica da sociedade e o espaço, não se dão separadamente, mas em um quadro único.

Desta modo, ao perceber que tudo é um devir; é que as experiências entre os dois espaços com seus aspectos positivos e negativos, não vão se refazer com as mesmas condições, logo temos na personagem feminina um tom de um posicionamento mais calmo, o espaço ganha tonalidades lídimas, devido o poder primaveril que revigora o observar da paisagem principalmente diante deste momento de quebra das antigas telas abstratas, logo tal passagem entre os dois lugares promove o realinhamento de pensar o sujeito e o seu entorno com seus significados:

E do jardim erguia-se cada vez mais intensamente e com maior doçura o frescor cheiroso da noite, os sons e o silêncio tornavam-se cada vez mais

solenes, as estrelas acendiam-se no céu com maior frequência. Olhei-o e, de repente, senti a alma leve [...] Percebi de repente, com nitidez e tranquilidade, que o sentimento daquele tempo passara irrevogavelmente, assim como o próprio tempo, e que fazê-lo voltar seria não só impossível, mas até penoso e constrangedor. E ademais, seria mesmo tão bom aquele tempo que me parecia tão feliz? E tudo isso acontecera havia tanto, tanto tempo! (TOLSTÓI, 2010. p. 113, *grifo nosso*)

Por desfecho, percebemos que o ciclo do enredo se envolve sobre um novo sentido este que parece convergir para a "ideia do campo como lugar de libertação" dos personagens, sendo capaz de despertar o entendimento real do espaço e das relações que o preenchem através da essência que antes visto como tédio. Conforme Santos (2013), evidência que em fases de mudanças não podemos esquecer a noção dos laços com o nosso "lugar" de vivência, pois essa é capaz nos libertar de muitas armadilhas da alienação do lugar estranho que se mostra sentidos coesos e com força de substituição do nosso ponto de significado, isto é, o lar.

Ademais, mesmo que considerando, os dois espaços da história com divisão e limites bem estabelecidos e com manifestações socioespaciais que não se complementam, a obra releva uma análise de apreensão das mudanças em sua época de ritmos com organização acelerada e mudanças grotescas, logo expondo que o preço da felicidade está sujeita a contagiosas deturpações essas que se potencializam em meio a aceitação das armadilhas da vida urbano-industrial, como é posto no caso da relação conjugal.

Desse modo, o campo se mostra acompanhado e centrado na ideia de uma organização socioespacial de vida mais simples, sendo assim, o autor consegue fazer uma análise socioespacial da sua época, seja por notar: mudanças na paisagem e lugar, o papel do sujeito nos espaços do urbano e rural, as relações de classes, as organizações dos espaços produtivos e as crises de concepções sobre o viver entre os dois lugares.

Logo, a obra "Felicidade conjugal" para além de uma novela literária em que aborda os sobressaltos e crises de um relacionamento conjugal em meados do século XIX, dispõem para além desta perspectiva de comum replicação um campo analítico das transformações socioespaciais de uma época particular. E como essas influenciam nas próprias formas das relações sociais e também na esfera afetiva, ademais mostrando também o potencial para se refletir o contexto da industrialização russa com os seus contrastes entra as dimensões do lugar, paisagem, espaço rural e



o urbano, com suas respectivas feições (objetos), organizações funções e reproduções.

No fim, o cotidiano e a porta para o entendimento das contradições da vida no espaço da cidade com seu modernismo, pois a medida que o sujeito se encontra novamente em meio ao frenético acontecer das relações sociais, temos a dispersão de todas às fantasias, crenças e banalidade (LEFEBVRE,1991). Ora, o ato de apreender a materialidade e suas atividades leva a romper com o aparente e alcança o plano de fundo antes ofuscado, escancarando a complexidade caótico das materializações, interações, supressões, organizações e reestruturações da dinâmica sócio-espacial de produção do urbano.

Nessa condição, segundo Lefebvre (1969), Santos (2013) e Agnes Heller (1977), a cotidianidade é campo, cenário e espaço de continua construção da vida social, com suas realizações, transmutações e reproduções das múltiplas interações entre agentes e suas formas concretas, não se tratando de um mero seguir da encenação do dia-a-dia comum nas sociedades urbanas e tampouco a aceitação da alienação como caminho para viver plenamente às condições postas no espaço urbano.

Reforçamos, o cotidiano é o pulsar que permitir o indivíduo se situar no tempo, espaço e clarear seus caminhos com sua individualidade e não o puro egocentrismo aspecto esse claro na fase de quebra de fantasia da personagem em meio ao espaço da “civildade “e que como um choque às ilusões eram ponderados e o seu papel também.

Por síntese, em uma visão geral, a obra de Liev Tolstói, mostra-se como uma oportunidade de projeção de diversas possibilidades para a interdisciplinaridade, logo promovendo outras para o espaço literário, ao trazer essa concepção para o conhecimento geográfico, torna-se incrível os horizontes de observação que se abrem para refletir outras abordagens de temas geográficos que são pertinentes na discussão e fortalecimento da ciência em sua construção epistemológica.

Portanto, trazendo, o debate do rural e do urbano nas linhas poéticas, narrativas e misteriosas da “Felicidade conjugal” de Liev Tolstói, fortalece aquilo que o saudoso professor Milton Santos, trazia em suas análises de um projeto de metadisciplinas para pensar a pluralidade que compõem o movimento de construção do espaço banal ou social.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio ao percurso construído ao longo desta proposta de se pensar o urbano e rural no horizonte da literatura em específico no cenário Russo do século XIX sob a cosmovisão delicada de Liev Tolstói, torna-se, claro a presença destas duas esferas, pois mesmo a se tratando de uma perspectiva dualista, não impede de tirarmos resultados que ampliam o fortalecimento da Geografia enquanto um saber interdisciplinar que pode se encontrar em diversas esferas, sem apagar sua luz da dimensão socioespacial.

Ora, séria até óbvio se fôssemos trazer comparações dos espaços concerne a atual contemporaneidade que levaria a limitações claramente expostas, pois a sistematização dos lugares se mostram mais ávidas em suas conexões e interdependências, mas nossa proposta não está em trazer uma visão de ponderar propriamente o presente e o passado.

O campo analítico construído no seguir da discussão teórico-conceitual, buscou cravar essa necessidade de expandir o olhar geográfico para outros horizontes que atuam alimentando de maneira riquíssima a base da construção epistemológica da ciência principalmente ao propor essa visão de pensar o rural e o urbano em um plano diferenciado.

Deste modo, não se tratando de uma imposição acerca de uma proposta perfeita, mas uma possibilidade para analisar fatos ou melhor fenômenos do coração pulsante da geografia sobre outras lentes, seja no espaço acadêmico ou da própria educação básica, temos uma oportunidade de trazer novas dinâmicas para uma ciência que se propõem a analisar o pleno devir da materialização da sociedade em dimensão espaço-tempo ou tempo-espaço; como reforça o memorável professor Milton Santos.

Por outro lado, com tal empreendimento proposto, reforçamos também a necessidade de deslocamento de uma Geografia ainda considerada como uma espécie de universalismo genérico esse que não trata sob um envolvimento as possibilidades de análises dos diferentes fenômenos socioespaciais. Logo, na medida que há esse jogo de transição entre diferentes campos em prol da análise das dimensões do rural e do urbano, torna-se evidente que o saber Geográfico está para além de concepções ou fórmulas ingressadas, pois a dinâmica entre sociedade e

natureza e o seu resultado dialético que e o espaço tem sua apreensão também pela interdisciplinaridade.

Reforçando o princípio ou o fundamento da construção ou de engajamento para uma metadisciplina (ideia defendida por M. Santos), cujo abarca a totalidade em sua dinâmica sob a conjugação de vários prismas esses que mostram diferentes perspectivas, mas que convergem para um objetivo comum. No caso aqui proposto e as análises empreendidas ao longo das páginas parte por esse sentido de ampliar e trabalhar através da conjugação da interligação entre diferentes saberes – Geografia e a Literatura – esses em um plano comum que é a discussão das dimensões urbano-rural em suas metamorfoses.

O olhar no mundo (usando do título da obra de Paulo César da Costa Gomes) se faz por diversas percepções e saberes, logo podemos reforçar que o espaço da literatura faz jus a possibilidade de alimentar a ampliação da compreensão da realidade com sua continua reprodução. Assim, o contato com o universo da novela – Felicidade Conjugal – desperta este olhar para as relações entre o rural e o urbano, mostrando essa perspectiva de permitir o entendimento das dinâmicas destas dimensões e suas modificações no contexto social do período.

Há de acrescentar que a própria discussão realizada, não se mostra com uma página a ser finalizada, isto é, na verdade há múltiplas possibilidades de se pensar o urbano e o rural através da literatura e russa geografia, seja por propostas como: A análise da psicosfera do espaço rural em Liev Tolstói; A dimensão do cotidiano na obra de Dostoievski; A alienação na transição do rural para o urbano.

Desta forma, são múltiplas às possibilidades para repensar a construção de um saber geográfico que busque fomentar e ampliar os horizontes da visão interdisciplinar que abre caminhos para a realização de análises mais diversas nas esferas socioespaciais. Assim, tocando, aprofundando e formando um espaço de interligações temáticas, que podem parecer em certas situações abstratas ou com pouca probabilidade de uma significação, mas ao notar a geografização ali presente, podemos afirmar que novos campos se abrem para cultivar tal saber.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Marshall. **TUDO QUE É SÓLIDO DESMANCHA NO AR**. 1. ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1986.

BAUDRILLARD, Jean. **O SISTEMAS DOS OBJETOS**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CARLOS, A. F. A. **Espaço e Indústria**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

COSGROVE, Denis. A Geografia Está Em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). **Paisagem, tempo e cultura**. 1. Ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. A essência das religiões. Lisboa: Edições Livro do Brasil, 1962.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOBSBAWM, E. **A era das revoluções**. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HELLER, Agnes. **Sociología de la vida cotidiana**. Trad. J. F. Yvars e E. Pérez Nadal. Barcelona: Península, 1977.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Tradução: Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Título original: *Le droit à la ville – suivi de Espace et politique*. Paris: Éditions Anthropos, 1972.

LOCATEL, Celso Donizete. DA DICOTOMIA RURAL-URBANO À URBANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO NO BRASIL. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, vol. 12, núm. 2, setembro, 2013, pp. 85-102

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008 [1972].

LEFEBVRE, Henri. **Introdução à Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1969 [1962].

LEFEBVRE, Henri. **Vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991 [1968].

MAANEN, John, Van. Reclaiming qualitative methods For organizational research: a preface. **Science Quarterly**, v. 24, n. 4, dez, 1979, p. 520-526.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **GEOGRAFIA: Pequena História Crítica**. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

NEVES, José Luís. PESQUISA QUALITATIVA – CARACTERÍSTICAS, USOS E POSSIBILIDADES. **CADERNO DE PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO**. São Paulo. v.1, n. 3, 1996.

SPOSITO, Maria. B. E. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 2020.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

SANTOS, M. **O trabalho do geógrafo no terceiro Mundo**. 5. ed. Edusp, 2013.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2020.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

TOLSTÓI, Lev. **Felicidade conjugal**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. 1. ed. São Paulo: DIFEL, 1983.

WELLEN, Henrique. Realismo e irracionalismo nas obras de Liev Tolstói: Contradições estéticas, filosóficas e políticas. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 206, 2018.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e cidade: na histórica e na literatura**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.